

los intereses que entonces predominarían?

Paul Singer

Boris Fausto: *A revolução de 30. Historiografia e história*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1970.

A revolução de 30 foi caracterizada repetidas vezes como burguesa, por um grupo de historiadores, e como “de classe média”, por outro. Ainda que êsses grupos discordassem quanto aos autores sociais da Revolução, alguns dos supostos sobre os quais se apoiavam não foram sistematicamente colocados em dúvida pelos adversários, passando como coisa certa. Entre êsses supostos, encontramos o de que o tenentismo foi um movimento típico da classe média, cujos interesses representou.

Coube a Boris Fausto questionar vários desses supostos, perguntando sistematicamente quais os limites da sua veracidade e da sua significação. Este trabalho, segundo creio, terá uma função fundamental para o desenvolvimento da disciplina exatamente por ter colocado em dúvida algumas pedras fundamentais do pensamento histórico brasileiro a respeito da República Velha e da Revolução de 30, que orientaram tantos trabalhos e que seguiriam orientando muitos mais de maneira possivelmente falsa — se êsse livro não fôsse publicado. Terá, portanto, uma função de re-orientação que transcende o escopo do próprio trabalho.

Há um segundo mérito incontestável: Boris Fausto sublinha várias outras dimensões relevantes para a análise, que tinham sido esquecidas ou, pelo menos subestimadas, pelas teses mecanicistas. Embora a construção da teoria substitua esteja longe de completa, a proposta existe e é muito mais rica que as anteriores. Os trabalhos que se seguirem terão que levar em consideração algumas diretrizes apontadas no trabalho,

Tenho duas restrições ao livro, que são provavelmente decorrências da reduzida extensão do trabalho: efetivamente, em cem páginas o autor não poderia ter feito muito mais do que fez. Devem, portanto, ser tomadas mais como sugestões para o futuro do que como críticas ao presente.

A primeira é que Boris Fausto paga tributo teórico a Deus e ao Diabo, sem tentar conciliar posições cujas relações têm sido vistas como antagônicas. Não afirmo que elas sejam necessariamente antagônicas, mas suas relações não estão trabalhadas. Assim, o autor insere bem cedo o seu trabalho na perspectiva de Gunder Frank, para depois enfatizar a dependência, as classes e o Estado. Ora, as classes sociais estão notavelmente ausentes na obra de Gunder Frank, cujo mecanicismo econômico prescinde delas e, até certo ponto, do Estado. Contrariamente, o conceito de dependência de Cardoso e Faletto não se entende sem referência às alianças entre elas, tanto no plano nacional quanto no plano internacional, aparecendo o Estado ao mesmo tempo como condição dessas alianças e como seu regulador, e como sua consequência.

A segunda restrição se refere à informação. Espero que o autor prossiga seu trabalho de pesquisa, coletando novas informações e novos dados que são indispensáveis, utilizando-os de maneira sistemática. A informação factual apresentada não constitui novidade, é errática e selecionada pelo autor. Outro conjunto de informações, como trechos de discursos, poderia ser retirado das mesmas fontes para ilustrar posições radicalmente diferentes. No meu entender, a tarefa de pesquisa está longe de completa e requer imaginação metodológica de todos os que pretenderem estudar o problema. A diferença entre a execução e a não execução dessas pesquisas pode ser a diferença entre substituir uma série

de mitos por outros ou substituir os mitos por um trabalho científico.

Gláucio Ary Dillon Soares

Joseph Ben-David. *La recherche fondamentale et les universités*. Organisation de Coopération et de Développement Économiques. Paris, 1968, 117 págs.

Este livro de Ben-David analisa as causas de uma distância crescente entre a produção científica norte-americana e a europeia, propondo algumas medidas para diminuí-la. É um trabalho que se situa claramente no domínio da ciência da ciência ou mais especificamente da sociologia da ciência, disciplina que tem merecido muito palpite, alguma teoria e quase nenhuma pesquisa.

Na primeira parte do trabalho, Ben-David usando dados estatísticos muito variados (número de receptores dos Prêmios Nobel, número de importantes descobertas e invenções em vários campos, número de publicações, etc.), documenta o crescimento da distância científica entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental. Contrariamente ao que comumente se crê, esta distância a favor dos Estados Unidos não data do período posterior à Segunda Guerra Mundial: desde o início do século, e mais aceleradamente desde o fim da Primeira Guerra Mundial, que os Estados Unidos assumiram a liderança científica e tecnológica no mundo ocidental.

O autor sublinha que esta distância, que já é bastante grande no campo da pesquisa fundamental, é ainda maior no campo da pesquisa aplicada, crescendo ainda mais quando tratamos da colocação na prática, dos resultados das pesquisas. Este ponto é de importância capital: por várias razões, os Estados Unidos tem demonstrado muito maior habilidade em levar os resultados das pesquisas científicas até a aplicação prática.

Em consequência, os países da Europa Ocidental que, no campo da pesquisa fundamental e básica, ainda competem com os Estados Unidos, perdem toda a possibilidade de competição na aplicação dos resultados, e as diferenças custam dinheiro. Em 1961, por exemplo, os Estados Unidos pagaram aos países da OCDE, 63 milhões de dólares por conhecimentos técnicos, recebendo, em troca, 577 milhões de dólares.

O autor analisa nos capítulos seguintes, as diferenças *institucionais* entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental, dando especial ênfase às diferenças na política científica seguida por esses países. Segundo Ben-David, falta à Europa o tipo de intuição universitária, aberta e flexível, que permite uma constante criatividade, sem se fragmentar em compartimentos estanques que seguem linhas rigidamente disciplinares.

A tendência europeia à criação de institutos especializados, produziu alguns resultados, que são muito inferiores aos das universidades norte-americanas, sobretudo devido ao fato de que a criatividade, na atualidade, quase sempre requer pesquisas interdisciplinares, que um instituto especializado poucas vezes pode proporcionar.

Estes capítulos, que tratam das instituições científicas e para-científicas, acadêmicas ou não, trazem algumas contribuições que podem ser de importância para o desenvolvimento da ciência na América Latina, já que o autor pergunta, como nós, como superar os problemas atuais e tentar diminuir a distância?

Ben-David está plenamente ciente que nem todos os países estão dispostos a destinar recursos cada vez maiores à pesquisa. Sublinha que, até certo ponto, o problema de recursos tem sido falseado, uma vez que os recursos para a pesquisa científica na Europa não são escassos: são péssimamente utilizados. Entre as propostas de solução, as seguintes me chamaram a atenção: